

PIBID NA PERSPECTIVA DO DISCENTE: UMA VISÃO SOBRE OS PIBIDIANOS

PIBID FROM THE PERSPECTIVE OF THE STUDENT: A VIEW ON PIBIDIANS

Douglas Costa Batista¹

Elisa Borges de Alcântara Alencar²

Resumo: *Este trabalho tem como objetivo relatar o olhar de um bolsista sobre a experiência como participante do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) do núcleo de Língua Inglesa em Araguaína -TO. Relatarei como se deram os trabalhos ao longo dos 18 meses da nossa permanência em uma escola pública, tais como reflexões, planejamento, metodologias e leituras propostas pelo núcleo como Lima (2011), Leite (2018), Barcelos (2011) e a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017). Trarei algumas reflexões ocorridas dentro e fora da sala de aula nas horas trabalhadas a serviço do programa. Vale ressaltar que esta experiência só foi possível através da parceria entre alunos do PIBID, a unidade escolar e a Universidade Federal do Tocantins-UFT.*

Palavras-chave: *Língua Inglesa. Experiência docente. Escola pública.*

Abstract: *This paper aims to report the view of a sponsored student on the experience as a participant in the PIBID (Institutional Program for Teaching Initiation) of the English language nucleus in Araguaína -TO. I will report how the work took place during our permanence at a public school, such as reflections, class planning, methodologies and readings proposed by the nucleus such as Lima (2011), Leite (2018), Barcelos (2011) and a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017). I will bring some reflections that occurred inside and outside the classroom during the hours worked in the service of the program. It is worth mentioning that this experience was only possible through the partnership between PIBID students, school units and the Federal University of Tocantins-UFT.*

Keywords: *English language. Teaching experience. Public school.*

1 Discente do curso de Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Araguaína, Tocantins. Lattes: 1504522654021739, ORCID: 0000-0001-8512-0834. E-mail: douglas_batista8@outlook.com

2 Doutora em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). Professora Doutora do Curso de Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/756549783465558>. ORCID: 0000-0002-9841-5401. E-mail: elisa.alencar@uft.edu.br.

Introdução

O PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência em exposição é do núcleo de Língua Inglesa, efetuado pela Universidade Federal do Tocantins na cidade de Araguaína, com 3 escolas participantes, cada escola com uma professora supervisora e cerca de 10 pibidianos (Participantes) distribuídos por escola, somando 30 pibidianos integrados no programa, sendo 23 bolsistas e 7 voluntários.

Na organização do programa se apresenta a coordenadora, sendo ela a responsável por marcar reuniões, para análises de textos críticos, para planejamento de aulas com metodologias diversas, buscando sempre didatizar ao máximo o conteúdo, oficinas para implementar e dar bases teóricas críticas sobre o ensino de Línguas na escola pública e entre outros assuntos.

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência visa capacitar a formação de professores em nível superior, promovendo a integração de graduandos dos cursos de licenciatura com a educação básica de escolas públicas, estaduais e municipais.

O objetivo do programa é aumentar a qualidade da formação de professores, introduzindo os participantes ao ambiente escolar ainda em começo de formação para que os discentes comecem suas vidas acadêmicas lidando com as adversidades, os problemas e a rotina de sala de aula, tornando-os assim sujeitos já engajados em seu futuro ambiente de trabalho.

Expostos dessa forma a este ambiente, consegue-se então perceber mediante as nossas funções impostas e das experiências proporcionadas ao longo das atividades, quais são as nossas dificuldades, e quais as indagações podem ser feitas. Tudo isso disposto desde os planejamentos das aulas, até o momento da realização, juntamente com as reuniões e análises propostas pelo programa.

Colocando em vista a prática, surgem várias indagações que vão sendo respondidas ao longo processo. Encontra-se a resposta de como realizar um bom planejamento, que supra as necessidades no momento efetivo, como conduzir uma boa aula, como superar a inibição de estar na frente de uma sala cheia de alunos, como chamar a atenção do aluno para o conteúdo e dentre outras

Com as leituras teóricas, estudos metodológicos e experiências de campo, foi proporcionado a todos os participantes uma base de como lidar com essas situações e necessidades. E mesmo tendo em mente que sempre há o que aprender, isso faz com que seja agregado ao aluno, que já foi pibidiano, uma confiança que soma muito na hora de entrar em sala de aula como profissional da educação.

Busca-se, através das atividades observadas e dos ensinamentos teóricos proporcionados pela professora da escola de educação básica, qual a melhor forma de construir um bom planejamento e colocá-lo em prática, visando fazer com que os alunos possam engajar de tal maneira que compreendam e entendam os conteúdos propostos.

Durante a semana os pibidianos realizam quatro (4) horas de planejamentos juntamente com suas professoras supervisoras. O planejamento é uma das partes mais importantes do programa, pois é no planejamento que temos noção do que será passado para os alunos nas aulas, como será a participação e o que será feito nessas aulas.

No período de planejamento os pibidianos se juntam com suas professoras e elaboram suas atividades semanais, referente ao conteúdo proposto. Dessa forma traçam um roteiro de como irão realizar as atividades. Os pibidianos podem tanto organizar como produzir atividades.

Uma aula bem planejada leva em consideração quanto tempo você tem disponível, a metodologia, os recursos, o conteúdo, e até mesmo leva em conta o histórico de comportamento de cada sala de aula. Contudo, nem todas as aulas planejadas se saem bem, muitas das vezes as aulas planejadas com tanto

carinho e expectativas vão mal sucedidas.

Sendo assim, é sempre bom ter um plano B, ou até mesmo um plano C, alguma dinâmica que fixe a atenção dos alunos no conteúdo ou algo mais inovador para acalmar a inquietação, como retirá-los do calor sufocante da sala de aula e efetuar a aula em um ambiente arbóreo e fresco. Além de outras manobras para lidar com as adversidades que possam surgir.

Metodologia

O momento da verdade é o se dá quando você põe em prática tudo que planejou, esse momento, é a ação em sala de aula. Na execução do programa realizamos várias atividades escolares como worms (aquecimentos), dinâmicas, atividades com cartazes e figuras, diálogos, músicas, interpretações de pequenos textos, jogos, exercícios, miniaulas e até mesmo pequenos eventos.

Contudo nem tudo que foi planejado e realizado deu certo, algumas atividades desenvolvidas saíram como esperado, mas sempre servem de experiências para futuras práticas em sala de aula, pois as atividades que não deram certo eram analisadas com o objetivo de perceber e entender o porquê e como aquilo que foi planejado não deu certo, para assim saber lidar com esses problemas.

Antes de querermos fazer alguém focar atenção no conteúdo, primeiro devemos fazer com que esta pessoa tenha interesse pelo o que será proposto, levando em conta essa linha de pensamento, a melhor forma de ensinarmos inglês nas escolas é inicialmente apresentado a importância da língua inglesa e a suas utilidades.

Contudo para apresentar a utilidade do inglês na vida de um aluno de escola pública, requer um conjunto de manobras, que retirem a ideia de que é preciso do inglês apenas passar na matéria. Aprender inglês não é necessário só para quem vai sair do Brasil, ao longo das atividades essas questões são constantes e se vê a necessidade de reforçar uma outra perspectiva no aluno sobre o inglês.

Procuramos juntamente com a professora da escola, atividades que possam incentivar a interação entre os alunos e para que também possam praticar suas habilidades em outra língua sem serem julgados por suas pronúncias por parte dos colegas ou de qualquer outro indivíduo, pois ainda lhes apresenta um pouco de insegurança no momento da prática em inglês.

Ao passo da discussão surge a ideia de Barcelos:

Os lugares possíveis de se aprender inglês povoam o imaginário, o senso comum, o discurso e as práticas sociais no contexto brasileiro. Vários autores já mencionaram as crenças comuns que vigoram em nossa sociedade a respeito da aprendizagem de inglês em escolas regulares. (BARCELOS, 2011, p. 147)

Com isso, nota-se a dificuldade em trabalhar em sala de aula de frente com esse discurso de que não se aprende inglês em escola pública. O que torna mais desafiador a aplicação dos trabalhos em sala de aula, que requerem uma atenção a mais sobre os alunos para fazê-los acreditar e confiar na importância do ensino de língua estrangeira inglesa.

A língua franca já não pertenceria mais a um nativo outrora idealizado como o dono da língua. Ela seria propriedade de todos que a utilizam como meio de comunicação em uma situação multilíngue. Falamos de uma língua desenraizada, sem território definido, despropriada. Os falantes utilizariam a língua franca para atuar na sociedade, a fim de conhecer novos povos, novos locais, novas culturas, mas não mais somente como um receptáculo da cultura do outro e muito menos como um espelho do nativo. (LEITE, 2018, p. 22)

Seguindo a perspectiva da escritora citada, os pibidianos sempre repassam que o inglês é uma língua franca e que não existe um inglês perfeito, quando uma língua passa a ser franca, ela já não pertence à uma única nação e se torna uma língua de todos, passando a possuir variações linguísticas, assim, se adaptando aos falantes que a utilizam.

Contanto que a mensagem seja transmitida e entendida o locutor realizou o seu objetivo, para um aluno do ensino fundamental este nível se torna suficiente para ele entender e decidir se este estudará para ter o inglês como uma de suas línguas, e cumprir as exigências que a Base Nacional Curricular Comum (BNCC) propõe que o aluno tenha.

A finalidade é possibilitar aos estudantes participar de práticas de linguagem diversificadas, que lhes permitam ampliar suas capacidades expressivas em manifestações artísticas, corporais e linguísticas, como também seus conhecimentos sobre essas linguagens, em continuidade às experiências vividas na Educação Infantil. (BNCC, 2017, p. 63)

Também concluímos atividades dentro de certos assuntos relacionados as suas realidades para tentar sair do padrão já muito utilizado de exemplos norte-americanos ou britânicos que mostram cenários diferentes de um aluno de escola pública brasileira. Atividades essas que focam no repertório de palavras de comidas, veículos, localidades regionais, clima e ambiente escolar que o aluno vivencia.

Um grande problema que os pibidianos enfrentam é a falta de interesse pelo aprendizado da língua, mas é um impasse que está sendo constantemente combatido. Pibidianos utilizam como ferramentas desde as dinâmicas até a interação em eventos para chamar a atenção dos alunos e despertar o interesse pela disciplina. Alinhado a essa perspectiva de incentivo, se segue o ensino de língua.

Resultados e Discussões

O livro *Yes, Vamos Correr Para “Dominar” A Língua: como a Língua inglesa é representada em textos midiáticos* (LEITE, 2018), uma das leituras propostas pela professora coordenadora, lido por todos os participantes do programa, nos dá as respostas para diversas questões apresentadas e questionadas inclusive pelos alunos da rede de educação básica.

A autora do livro revela que há todo um processo histórico-social envolvido na prática de ensino de línguas no Brasil, assim abordado que desde muito tempo a classe A exerce influência na mídia e que a mídia molda o pensamento da massa de forma a atingir seus interesses e manter o domínio sobre as massas.

A classe alta percebendo a importância da língua inglesa útil tanto para todas as classes, afinal a língua é sinônimo de poder, tenta impedir o indivíduo de classe baixa a aprender inglês utilizando a mídia de forma que o sufoque-os com a indução de pensamentos que problematizem o aprendizado de inglês de forma negativa, os desestimulando a procurar conhecimento frente às diversas dificuldades.

Ao longo da execução do programa várias leituras foram propostas, como *Inglês em escolas públicas não funciona?: uma questão, múltiplos olhares* (LIMA, 2011). DE modo geral, nota-se que todas as leituras tinham como principal indagação os estigmas sobre o aprendizado de língua inglesa. O aluno não se vê interessado no aprendizado frente a vários discursos impostos ao longo da sua vida e muita das vezes não percebe o quanto o inglês está inserido no seu cotidiano.

A principal problemática inserida é justamente sobre como desconstruir essa imagem da língua que já vem sendo imposta ao longo de toda sua vida. É muito fácil falar para o estudante que ele deve aprender por inúmeros motivos, mas enquanto não é levado a prática, de forma a inserir no cotidiano de cada indivíduo, esta matéria continuará sendo colocada de lado.

Seguindo essa discussão, foi debatido formas de levar práticas as salas de aula que incluíssem o cenário e os fizessem viver um ambiente onde o aluno se sente confortável e estimulado a produzir sua própria forma de aprender, seja ela mais lúdica ou teórica, os pibidianos estavam em sala de aula justamente para tornar esse aprendizado o mais natural possível.

Apesar do trabalho exercido para executar um evento, é uma forma tão eficaz de promover a interação entre aluno-professor que vale a pena. A proximidade criada pelas relações facilita muito no ensino, além de aumentar o interesse no aluno em participar e estar atento ao que é passado, para poder pôr em prática em uma atividade conjunta.

Considerações Finais

Por fim, com tudo o que foi visto até o momento, através da oportunidade de estar no meio escolar por meio do programa, realizando os planejamentos e podendo estar vivenciando como é a sala de aula, foi possibilitado identificar as principais dificuldades na prática da profissão, exceder as nossas expectativas e experienciar-se com as frustrações antes de ir a prática.

Adquirimos mediante a tudo, algumas experiências e conhecimentos de como todo o sistema funciona, desde o momento de planejar até a execução das atividades programadas, além das engrenagens de todo o âmbito escolar que o fazem funcionar de forma harmônica.

Dessa forma, percebe-se o quanto o ensino da língua inglesa na escola pública é farto de problemáticas, recheado de desafios diários que os professores têm de enfrentar para promover ao aluno o direito de ensino, assim como qualquer aluno de ensino privado.

A princípio, fazer com que o aluno crie apreço pela disciplina, e mostrar a eles o quanto é importante o aprendizado do idioma. Estar sempre em busca de atividades interessantes e algo diferenciado, para promover uma melhor obtenção de conhecimento a frente dos conteúdos apresentados, tendo como base as metodologias que mais deram certo ao decorrer das atividades.

Faz pensar também a respeito das questões a respeito da disciplina dos alunos, afinal isto acaba por interferir no aprendizado. Para obter-se uma aula em que possa ser trabalhado todo o conteúdo proposto e seja possível entender, aprender e evoluir no desenvolver da língua, é necessário um conjunto de ações que os levem a cumprir certas regras e normas.

Com o passar das semanas no programa, sempre surgiram novos desafios impedindo-o de tornar-se simples ou entediante, pois novos desafios e novas ideias brotavam a todo momento e o fato de ter sido uma ação conjunta, com vários discentes e professores, permitiu com que todos aprendessem e se desenvolvessem juntos a cada encontro e a cada problemática apresentada.

Em vista de todo o apresentado, nota-se o quanto o PIBID é um grande passo na vida acadêmica do discente, um trabalho que depois de iniciado, não para mais, os movimentos, as transformações e as discussões continuam fazendo parte do cotidiano, contribuindo para se ter sempre algo novo para se aprender.

Referências

BRASIL, **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

LIMA, D. C. **Inglês em escolas públicas não funciona?: uma questão, múltiplos olhares**. São Paulo: Parábola Editora, 2011.

LEITE, P. M. C. C. **Yes, Vamos Correr Para “Dominar” A Língua: como a Língua inglesa é representada em textos midiáticos**. Curitiba: CRV, 2018.

BARCELOS, A. M. F. **Lugares (im)possíveis de se aprender inglês no Brasil: crenças sobre a aprendizagem de inglês em uma narrativa** / In: Diógenes Cândido de Lima (Org.), Ensino e aprendizagem de língua inglesa. São Paulo: Parábola Editora, 2011, p. 147-158.

Recebido em 30 de novembro de 2020.

Aceito em 11 de dezembro de 2020.

